



CONSIDERAÇÕES SOBRE A PSICOLOGIA ANALÍTICA: ARQUÉTIPO, ARQUÉTIPO DA CRIANÇA, SÍMBOLO E IMAGINÁRIO

BRUNO, Pires Silveira¹. YASMIN, Oliveira Costa¹. LUÍS HENRIQUE, Ramalho Pereira².

¹Acadêmico (a) do Curso de Psicologia. UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL, Campus Santa Maria. brunopsilveira@outlook.com; heyasmin97@gmail.com

²Docente do Curso de Psicologia. ULBRA.

RESUMO:

O presente trabalho tem por objetivo realizar uma discussão teórica entre Carl Gustav Jung, criador da psicologia analítica no século XX, e outros autores da psicologia, como da antropologia e sociologia visando relacionar e esclarecer determinados conceitos como inconsciente coletivo, arquétipo, o arquétipo da criança, símbolo, e imaginário, e suas relações e referências com o processo de individuação. Iniciando pelas definições e conceitos no que se refere ao inconsciente coletivo e seus arquétipos, direcionados na sequência pelos conceitos de símbolo e imaginário, sendo elencados a fim de articular e abranger tais conceitos no campo da clínica e mais precisamente com as suas configurações com a psicoterapia infantil. O inconsciente coletivo, considerado como a camada mais profunda da psique, onde os arquétipos, determinados como elementos e estruturas da imagem e que encontram suas formas de expressão de maneira simbólica. Procuramos desenvolvê-lo através de uma revisão narrativa da literatura, a partir de materiais já elaborados, constituído principalmente de livros e artigos científicos das bases Scielo e PePSIC. O arquétipo da criança, com o seu processo de transformação de personalidade, suscetível a mudanças, tem em seu caráter o sentido de integridade e totalidade, conforme ocorre com o processo de individuação e suas respectivas características, encontrando diálogos entre diferentes formas de conhecimento que enriquecem os cenários a serem debatidos e compreendidos. A Psicologia Analítica no campo da psicologia infantil pode ser de suma importância para a compreensão dos diferentes processos presentes na infância. As funções arquetípicas que compõem a construção do imaginário, a atividade onírica e por fim, a formação do processo de individuação e do self, mostram-se ferramentas indispensáveis dentro de uma clínica infantil. A potencialidade de explorar novas formas de entendimento no campo clínico contribuem para a formulação e compreensão de outras perspectivas e concepções que influenciam numa extensão e imprescindível ampliação de uma psicologia infantil.

Palavras-chave: Arquétipo, Símbolo, Inconsciente, Infância.



INTRODUÇÃO

O percurso desenvolvido pela psicologia analítica acerca dos arquétipos, os “resíduos arcaicos” ou “imagens primordiais”, e do *self*, ou seja, a totalidade dos aspectos conscientes e inconscientes, e suas manifestações essencialmente simbólicas na infância, abrangem um amplo e significativo repertório a respeito de conceitos básicos dessa abordagem, expandidos a outras esferas teóricas. Em se tratando do imaginário, ou seja, o conjunto de imagens, Carl Jung e seus seguidores retornaram a uma valorização da imagem com os arquétipos, as estruturas de imagem comuns a toda humanidade sendo o símbolo uma imagem, ou um termo, que possui significações além das convencionais, além dos significados manifesto e imediato. Os recursos disponíveis na psicologia analítica acerca da infância embarcam nos conceitos já característicos conforme as imagens, símbolos, sonhos que se ambientam e fazem parte do vocabulário formulado no decorrer de trajetórias teóricas, conforme as descrições feitas por seus autores. O retorno à determinados conceitos básicos que compõem o âmbito da psicologia analítica conduzem a meios de formular questionamentos e visões que dizem respeito a psicologia infantil.

Os âmbitos da clínica infantil, no decorrer do século XX e XXI, sofreram significativas contribuições teóricas e práticas em se tratando de material disponível e acessível a tais práticas. De variadas e distintas abordagens da área da psicologia, de diversos segmentos e métodos de compreensão desse fascinante exercício de conhecimento. A psicologia analítica, de trajetória centenária, possui, aparentemente, poucos recursos disponíveis direcionados ao infantil. Dessa forma, nota-se a particular e peculiar escolha de tema, abranger quais as possibilidades da psicologia analítica de fornecer subsídios numa psicoterapia infantil, e ampliar conhecimentos e elementares benefícios não apenas ao campo da clínica infantil, como também seus possíveis alcances para além do ambiente clínico.



A escolha da psicologia analítica como referencial de direcionamento numa psicoterapia infantil, pressupõe uma possibilidade de enriquecimento de repertório e um possível contato inicial com essa ótica no contexto infantil. A partir disso, o presente trabalho tem por objetivo compreender os conceitos de arquétipo, arquétipo da criança, símbolo e imaginário e como estes estão inseridos na Psicologia Analítica, sendo as suas diretrizes na temática infantil. Averiguando os alcances desses conceitos na abrangência da clínica infantil, ressaltando a influência de teóricos de outras áreas, antropologia e sociologia, tentativa de compreensão, ampliação e a extensão do alcance desses conceitos, notadamente, na sustentação da psicologia infantil e seus elementos constituintes da estruturação da psique. Trata-se de um estudo bibliográfico, Para tanto procuramos desenvolvê-lo através de uma revisão narrativa da literatura, a partir de materiais já elaborados, constituído principalmente de livros e artigos científicos das bases Scielo e PePSIC. Os conceitos e ideias serão traduzidos em caráter qualitativo. Os autores escolhidos para a revisão de literatura foram selecionados pela possibilidade ampliação de conhecimentos acerca da psicologia analítica e suas ideias principais, juntamente com os autores da antropologia e sociologia para auxiliar na articulação e elaboração qualitativa dos referenciais teóricos, possibilitando um diálogo enriquecedor.

O embasamento teórico utilizado para sustentar o trabalho, utilizou autores inseridos na psicologia analítica, seu idealizador Carl Gustav Jung, como sucessores e autores da antropologia e sociologia, como Gilbert Durand e Michel Maffesoli. A base utilizada de autores compreende um referencial teórico extensivo e que abrangem e tratam a respeito do inconsciente, arquétipo, imaginário, simbólico, arquétipo da criança. A ênfase a respeito do arquétipo da criança sendo uma linguagem de imagem possuindo caráter na terapia como um constituinte do processo de maturação da personalidade, demonstram a relevância e concomitantemente a relação desses conceitos no que se refere a estruturação do psiquismo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

No decorrer de sua trajetória, Carl Gustav Jung (1875 – 1961) postulou diferenciações entre as estruturas conscientes e inconscientes. Diferenciando o inconsciente em dois níveis,



sendo um pessoal e outro coletivo, possuindo este, o inconsciente coletivo, o papel de destaque na consolidação de sua teoria. Diferenciando o inconsciente da conceituação proposta por Sigmund Freud, afirma Jung (2000) que inicialmente o inconsciente limitava-se a designar o estado dos conteúdos reprimidos, esquecidos, o espaço onde se concentravam os conteúdos esquecidos, recalçados.

Segundo Serbena (2009), a psique não se caracteriza por ser “uma página em branco” no nascimento e o inconsciente amplia-se, além do inconsciente pessoal, incluindo uma camada ainda mais profunda que engloba estruturas e imagens comuns a toda a humanidade, os arquétipos, que se manifestam nos sonhos, mitos, religiões e contos de fadas. Sobre as diferenciações entre o inconsciente pessoal e coletivo, Jung (2000) afirma que uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é, indubitavelmente, de caráter pessoal, denominada inconsciente pessoal.

Esta, repousa sobre uma camada ainda mais profunda, que não se caracteriza de origens e aquisições de cunho pessoal, sendo considerada inata. O inconsciente coletivo, de natureza universal, constitui um substrato psíquico comum a natureza psíquica presente em cada indivíduo. Sendo, portanto, os conteúdos correspondentes do inconsciente pessoal de complexos emocionais que se relacionam com as tonalidades da vida anímica do sujeito, e o inconsciente coletivo constituído por conteúdos arquetípicos (JUNG, 2000).

Entende-se por arquétipos as “estruturas básicas e universais da psique, os padrões formais de seus modos de relação são padrões arquetípicos” (HILLMAN, 1992, p. 22). O arquétipo pode ser utilizado como elemento ou base conceitual para compreender e explorar todos os tipos de experiências nas quais a função criativa da imaginação esteja presente, não sendo acessíveis de forma direta, mas em imagens, representações e produções humanas formando um substrato comum à humanidade. O inconsciente se manifesta de forma simbólica, onde a desvalorização da linguagem simbólica corresponde a um meio de menosprezar os conteúdos do inconsciente e a subjetividade da psique (SERBENA, 2009).

A relevância dos símbolos na psicologia analítica, a valorização de seus aspectos e a realidade subjetiva da psique, onde símbolo é a melhor expressão possível de algo relativamente desconhecido, sendo representado por imagens, experiências e vivências que incluem aspectos conscientes e inconscientes, possuindo inesgotáveis significados que o



caracterizam por possuir inúmeras possibilidades de relações e analogias. Conforme um símbolo perca suas características “mágicas”, ou seja, de atrair atenção psíquica, a sua utilização excessiva tende a uma reduzi-lo a signo (SERBENA, 2009).

O homem possui dois tipos de pensamento: o pensamento lógico e o pensamento fantasia, sendo pensamento lógico direcionado à realidade externa e objetiva, objetivando à adaptação, trabalhando com conceitos linguísticos e constitui o instrumento da cultura. O pensamento fantasia é espontâneo, sendo operado por associações na produção de analogias e metáforas. Dessa maneira, sua linguagem é simbólica, sendo símbolo uma imagem familiar, porém possui uma conotação para além do seu significado manifesto, sendo desconhecido ou oculto (HAUBERT & VIEIRA, 2014).

De acordo com Maffesoli (2003) os símbolos são oriundos de estruturas arquetípicas, representando situações e temas correspondentes da existência humana, o nascimento, a morte, casamento, luta pela sobrevivência sendo estes temas uma constância de significados, uma constância antropológica. Os arquétipos constituem a estruturação básica da imaginação, sendo, por natureza dos arquétipos, acessíveis à imaginação e sendo apresentados como imagem. Esse direcionamento para o trabalho com a imaginação define a imagem como psique, sendo a realidade psíquica constituída de imagens (HILLMAN, 1992).

A maneira progressiva da retomada da valorização do imaginário em meio ao cientificismo racionalista, deve-se, segundo Durand (2004), ao Romantismo, Simbolismo e Surrealismo. Definidos como bastiões do imaginário, devido a esses movimentos elencarem a relevância dos substratos oníricos, dos sonhos, de modo que o psiquismo não possua uma forma atuante de maneira única e consciente, sendo elementar a questão da percepção, mas possuindo um inconsciente onde a imagem engloba uma construção própria, a individuação.

Para Maffesoli (2014, *apud*.Anazet al), a construção do imaginário individual ocorre por identificação, ou seja, o reconhecimento de si no outro, por apropriação, que se caracteriza pelo desejo de ter o outro em si e por distorção, onde há a reelaboração do outro para si. No que se refere ao imaginário social, este estrutura-se principalmente por contágio, na aceitação do modelo do outro (lógica tribal), disseminação (igualdade na diferença) e imitação. O imaginário como uma fonte racional e não racional de impulsos para a ação.



De acordo com Durand (2012), o imaginário constitui o conjunto de imagens e das relações de imagens que estabelece o capital pensado do homo sapiens, todas as imagens passadas, produzidas ou que sejam possíveis de serem produzidas. Sendo o arquétipo uma imagem que pertence a toda a humanidade e não apenas de maneira exclusiva a um indivíduo, sendo um órgão anímico presente em cada um (JUNG, 2000).

O inconsciente coletivo de Jung é a fatia mais "profunda", que representa um "isso" antropológico, o qual preferencialmente classifica como "inconsciente específico", que se relaciona com a estruturação psicológica do animal social (o *Sapiens sapiens*), sendo nesse campo que esquemas arquetípicos provocam imagens arquetípicas (DURAND, 2004). Embora mais estudados em suas complexas formas simbólicas em sonhos, fantasias, mitologia, folclore, arquétipo é uma entidade psicossomática que possui dois aspectos: Uma está em ligação com os órgãos físicos, e outro estruturas psíquicas inconscientes, sendo os componentes de ordem física a fonte de "pulsões" libidinais e agressivas; e em se tratando do psíquico é a origem das formas de fantasia, maneira da qual o arquétipo atinge representação incompleta na consciência (FORDHAM, 1994).

Em *O Imaginário* Durand (2012) aborda sobre as estruturas constituintes do imaginário, sendo pela distribuição das imagens de uma narrativa ao longo do tempo. James Hillman (1992), ao abordar sobre as tentativas de conceitualização da imagem nos diz que uma imagem é sempre mais abrangente e complexa do que um conceito, sendo as imagens o meio o qual toda a experiência se torna possível na perspectiva dos sonhos, fantasias, mitos, maneiras de apresentar padrões arquetípicos. As imagens possuem qualidade independente e autônoma, possuindo um caráter de complexidade por possuírem diversas relações de significado (HILLMAN, 1992).

No que corresponde e envolve os aspectos do arquétipo da criança é o seu caráter de futuro, onde, no que compreende a psicologia do indivíduo, o motivo da criança sendo a preparação para a futura transformação da personalidade, capaz de mudanças, portador de salvação, propiciando completude, sendo o motivo da criança um representante do aspecto pré-consciente da infância da psique coletiva. Em *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*, Jung (2000) retoma a perspectiva do caráter arquetípico da criança, sendo criança algo que se desenvolve rumo à autonomia, não podendo tornar-se sem se deligar da origem, sendo o



abandono uma condição. Conforme, o conflito não superado devido a consciência se manter presa aos opostos sendo necessário um símbolo que apresente e direcione a necessidade de desligamento da origem. O fascinante símbolo da ‘criança’ se apodera do inconsciente tendoseu efeito de redenção conforme passa a consciência, realizando a saída da situação conflituosa onde a consciência não se mostrava capaz, sendo o símbolo um antecipatório de um estado nascente de consciência.

O aspecto do arquétipo da criança, de forma empírica, encontra-se nos processos de individuação espontâneos e induzidos terapeuticamente, sendo a primeira forma de manifestação geral da criança um modo inconsciente, podendo ocorrer uma identificação do sujeito com seu infantilismo pessoal. Ainda de acordo com Jung (2000), a manifestação mais clara e significativa do motivo da criança na terapia das neuroses ocorre no processo de maturação da personalidade, induzido pela análise do inconsciente, o processo de individuação.

Em se tratando de individuação, Fordham (1994) credita a este conceito atuação presente ainda na primeira infância, sendo características de extrema importância e construção do amadurecimento. O self é definido com a totalidade, onde os sistemas conscientes e inconscientes estão organizados. A concepção de criança se aplica como um processo maturativo, onde a função dos pais pode ser definida como a de fomentar a estruturação e o amadurecimento do selfie, facilitando a sensação de autoconfiança da criança (FORDHAM, 1994).

É no processo de individuação que se estabelece a antecipação da figura proveniente que sintetizará os elementos conscientes e inconscientes do indivíduo, o símbolo da unificação dos opostos. De acordo com Henderson (2016, *apud* Jung), a criança possui um sentido de totalidade ou de integridade, porém somente antes do aparecimento do seu ego consciente.

Para Von Franz (2016, *apud* Jung), a criança é um símbolo universal de totalidade. Tomando a criança como símbolo de uma potencialidade ainda em estado infantil, no arquétipo da criança ela é tudo o que é abandonado, exposto e concomitantemente divinamente poderoso, de começo insignificante e incerto e com o fim triunfante. O principal objetivo ou a meta que se pretende atingir a individuação é uma síntese, a síntese do si-



mesmo, onde Jung (2000), sobre os elementos do caráter futuro do arquétipo da criança, afirma:

Não admira, portanto, que tantas vezes os salvadores míticos são crianças divinas. Isto corresponde exatamente às experiências da psicologia do indivíduo, as quais mostram que a "criança" prepara uma futura transformação da personalidade. No processo de individuação antecipa uma figura proveniente da síntese dos elementos conscientes e inconscientes da personalidade. É, portanto, um símbolo de unificação dos opostos, um mediador, ou um portador da salvação, um propiciador de completitude. Devido a este significado, o motivo da criança também é capaz das inúmeras transformações acima mencionadas: pode ser expresso, por exemplo, pelo redondo, pelo círculo ou pela esfera, ou então pela quaternidade como outra forma de inteireza (JUNG, 2000, p. 165).

Ainda em relação a constituição da criança, em *O desenvolvimento da personalidade*, Jung (1985) fornece referências sobre a individualidade psíquica da criança sendo fatores combinatórios coletivos e a relação desta, a criança, com seus pais. Sendo o processo constituinte, no que abrange os âmbitos dos conteúdos pessoais e coletivos, Jung (2012) afirma:

A alma infantil, antes da etapa da consciência do "eu", de modo algum se acha vazia ou sem conteúdo. Apenas surge a linguagem, já existe também a consciência, a qual passa a exercer uma repressão interna sobre os fatores coletivos anteriores, por meio de seus conteúdos da atualidade e por suas recordações. Que tais conteúdos coletivos estejam presentes na criança que ainda não atingiu a consciência do "eu", é fato demonstrado por provas abundantes. Com referência a isso têm importância máxima os sonhos ocorridos em crianças de três ou quatro anos, entre os quais se encontram alguns que em tal grau são mitológicos e prenes de sentido, que qualquer um seria tentado a considerá-los como sonhos de adultos, se não constasse certamente quem os sonhou. Trata-se aqui, pois, dos últimos vestígios de uma alma coletiva em desaparecimento, que, ao sonhar, repete os eternos conteúdos primordiais da alma da humanidade (JUNG, 2012, p.43,44).

É importante ressaltar que esse mesmo livro, *O desenvolvimento da personalidade* (1985), pode ter muito a acrescentar enquanto referencial ao diálogo da psicologia analítica com uma clínica infantil. Bem como é o caso do relato descrito por Jung (1985), da menina Aninha. Aninha, considerada uma menina muito inteligente, “uma menina sadia e bem-disposta, de índole um tanto temperamental”. Jung de fato não atendeu a menina, assim, estabelecendo contato através de informações repassadas por cartas pelo pai da menina. O relato possui viés pertinente, curioso e interessante em suas reflexões, demonstrando a peculiar curiosidade da menina, possibilitando indagações acerca da origem da vida, a



morte, reencarnação, a teoria da cegonha, sublimação; o medo de mistério, a natureza do parto, as leis de excreção, as teorias da concepção, função da mãe e do pai na origem da vida.

O interesse sexual desempenha um papel importante na formação do pensamento infantil. Quanto à temática “sobre os conflitos da alma infantil”, Jung (1985) define que a sexualidade infantil está intimamente ligada a constituição da origem das funções intelectuais. Assim, é devido a formação das concepções intelectuais que a libido encontra o caminho livre e apto para o desenvolvimento. Contudo, quando conflitos internos chegam a um certo ponto de intensidade, a precariedade da formação da concepção intelectual passa a atuar com uma barreira e a libido é transferida de volta para os rudimentos da sexualidade, causando um desenvolvimento anormal e formando, desta forma, uma neurose infantil. No final do texto, C. Jung (1985) acrescenta:

Não sou partidário do esclarecimento sexual das crianças na escola, nem mesmo de qualquer esclarecimento generalizado e indiscriminado; · É preciso que se tomem as crianças assim como elas são de verdade, e não como gostaríamos que fossem; Se justamente a explicação fantasiosa ou mitológica, a preferida pela criança, não seria por isso mesmo mais indicada do que a fornecida pela ciência natural. Esta última, apesar de corresponder aos fatos reais, encerra em si a ameaça de fechar de modo definitivo as portas da fantasia; · Que foi justamente a explanação franca, ainda que feita um tanto cedo, o agente capaz de descarregar a fantasia infantil, impedindo que ela assumisse no tocante a essas coisas alguma atitude secreta e incorreta, o que apenas teria sido um empecilho para o desenvolvimento espontâneo do pensamento; · O fato de a fantasia infantil ter conseguido suplantar a explicação correta, a mim parece ser uma advertência importante no sentido de que o pensamento, em seu desenvolvimento espontâneo, tem uma necessidade imperiosa de emancipar-se da realidade dos fatos e construir seu mundo próprio. (JUNG, 1985, p.31).

Alma que, no aprofundamento teórico proposto por Hillman (1992) falar de alma é dar um sentido de alma, entendida por uma perspectiva e não como uma substância, um panorama sobre as coisas mais do que algo ou alguma coisa em si. No que corresponde ao arquétipo da criança, Jung (2000) propõe:

A consciência protegida a toda volta por poderes psíquicos, sustentada, ameaçada ou traída por eles, é uma experiência primordial da humanidade. Essa experiência projetou-se no arquétipo da criança que expressa a totalidade do ser humano. Ela é tudo o que é abandonado, exposto e ao mesmo tempo o divinamente poderoso, o começo insignificante e incerto e o fim triunfante. A "eterna criança" no homem é uma experiência indescritível, uma incongruência, uma desvantagem e uma prerrogativa divina, um imponderável que constitui o valor ou desvalor último de uma personalidade. (JUNG, 2000, p.178,179).



Hillman (1992) nos traz profundas indagações estão presentes no que tange o arquétipo da criança, como: “O que de fato é uma criança?” ou “o que seria esse reino estranho chamado infância?”. Para ele, tais conceitos não passam apenas de invenções tardias criadas pela nossa sociedade para preencher lacunas da nossa psique. Basta olhar para as obras e pinturas de crianças de antigamente. As crianças retratadas nessas pinturas são totalmente estranhas se comparadas com as paisagens e retratos de cenas da vida de adultos de época. O que de fato, é que não sabemos o que é uma criança e o que é a infância. Quando tentamos responder a tais perguntas, acabamos por falhar miseravelmente, usamos termos para designar a essa fase como brinquedos de criança, jogos de crianças, filmes de criança, quadros de criança, conversas, música, e assim, isso não acaba passando de meras segregações que estão ligadas ao campo dos adultos e nunca o que de fato ela é.

Hillman (1992) ainda complementa sobre a criança e a infância não sendo reais, sendo termos utilizados que definem uma característica de existência, de percepção e de emoção, perpetuados como pertencentes às crianças reais; o mundo construído para elas está conforme a necessidade de abranger essa fantasia com a realidade. Hillman (1992) ainda afirma:

Não sabemos o que as crianças são em si, isto é, "não-adulteradas" por nossas necessidades de possuímos encarnações do reino imaginário, personificações de "começos" (isto é, de "primitividade", "criação") e do arquétipo da criança. Ficaremos sem saber o que as crianças são até que possamos compreender melhor em que consiste o trabalho que a criança da fantasia, a criança arquetípica, realiza no interior da psique subjetiva. (HILLMAN, 1992, p.24).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trazer à tona os principais conceitos que contemplam a Psicologia Analítica para o campo da psicologia infantil podem ser de suma importância para a compreensão dos diferentes processos presentes na infância. As funções arquetípicas que compõem a construção do imaginário, a atividade onírica e por fim, a formação do processo de individuação e do self, mostram-se ferramentas indispensáveis dentro de uma clínica infantil. No entanto, tais pressupostos e conceitos ainda merecem mais atenção e estudos aprofundados, pois assim poderá se obter uma maior compreensão acerca do tema. É evidente que a Psicologia analítica em muito tem a acrescentar ao campo de uma clínica infantil, no



entanto, pouco se sabe o real motivo de seu idealizador Carl Gustav Jung não ter se dedicado mais profundamente e de maneira frequente nesses aspectos.

A notória relevância dos produtos do inconsciente na constituição da psicologia analítica, seus sonhos, visões, fantasias correspondem a importantes ferramentas na compreensão inicial de conceitos mais amplos, que se estendem no decorrer da trajetória analítica. Sendo os símbolos e seus dinamismos uma progressão a unificação dos opostos se direcionando a uma totalidade do psíquico individual e seu contato com o inconsciente, sem corresponder a algo instrumental e lógico. Nos processos de individuação são encontradas manifestações do arquétipo da criança, de tal forma, as manifestações iniciais dessa criança são inteiramente inconscientes, onde numa realidade clínica, prática, não se enquadra em determinados produtos de conhecimento ou formas de desenvolvimento, mas de transformação.

Ainda que Jung não tenha especificado detalhadamente conceitos que se referem a processos de personalidade nos estágios de desenvolvimento, seus sucessores retomaram não apenas os seus já difundidos conceitos como ampliaram seus alcances a uma possível clínica infantil. A teoria arquetípica abrange esses entendimentos e possibilita um rico e respeitável conteúdo simbólico nos procedimentos constitutivos. Jung foi de respeitável relevância e o torna um representante na retomada de valorização da imagem e de suas relações com o psíquico. Para se chegar a entendimentos que se referem à clínica infantil, a valorização e retomada de concepções iniciais na perspectiva junguiana é de total importância e notoriedade para a ampliação de questionamentos e completudes auxiliares.

O reconhecimento da importância de autores de outras áreas do conhecimento possibilitou a ampliação e colaboração de modelos de repertório mais ricos e significativos na clínica infantil. A potencialidade de explorar novas formas de entendimento no campo clínico contribuem para a formulação e compreensão de outras perspectivas e concepções que influenciam numa extensão e imprescindível ampliação de uma psicologia infantil.



REFERÊNCIAS

ANAZ, Antonio Luiz et al. Noções do imaginário: perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin. **Revista Nexi** n.3. 2014

DURAND, Gilbert. **O Imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro. 3ª ed. DIFEL, 2004.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo. 4ª ed. Ed Martins Fontes, 2012.

FORDHAM, Michael. **A criança como indivíduo**. São Paulo. 2ª ed. Ed Cultrix, 2002.

HAUBERT, Clarice; VIEIRA, André Guirland. Símbolos, complexos e a construção da identidade na psicoterapia com crianças. **Aletheia**, Canoas, n. 45, p. 222-237, dez.2014.

HILLMAN, J. **Psicologia arquetípica**. São Paulo. Ed cultrix, 1992.

JUNG, Carl. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro. 3ª ed. Ed Harper Collins Brasil, 2016.

JUNG, Carl. **O desenvolvimento da personalidade**. 13ª ed. Petrópolis, RJ. Ed Vozes, 1985.

JUNG, Carl. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2ª ed. Petrópolis, RJ. Ed Vozes, 2000.

MAFFESOLI, M. **O Instante eterno**: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas. São Paulo: Zouk, 2013.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2010.

SERBENA, Carlos. Considerações sobre o inconsciente: mito, símbolo e arquétipo na psicologia analítica. **Revista de abordagem gestáltica**. Vol.16. Goiânia jun 2010.